

**UMA PESQUISA REALIZADA NA FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA
EDUCADORES INDÍGENAS: TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA DE UMA
ALDEIA NO SUL DA BAHIA**

A RESEARCH CARRIED OUT IN INTERCULTURAL FORMATION FOR INDIGENOUS
EDUCATORS: ECONOMY TRANSFORMATIONS OF A VILLAGE IN THE SOUTH OF
BAHIA

Rodrigo Braz da Conceição¹
Ilaine da Silva Campos²
Genilson Soares de Santana³

Resumo: O presente artigo apresenta resultados da pesquisa desenvolvida como percurso acadêmico do primeiro autor, Indígena Pataxó do sul da Bahia, no âmbito do curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, com habilitação em Matemática. Relatamos sobre transformações vivenciadas na economia da aldeia indígena mãe Barra Velha, no território de Barra Velha, município de Porto Seguro, no sul da Bahia. O artigo apresenta compreensões sobre as transformações da economia local durante a Pandemia da COVID-19 a partir de dados de entrevistas com quatro indígenas desta aldeia que atuavam nas principais atividades que geram renda para as famílias da comunidade. Para além das entrevistas, discutimos a introdução do *Google Forms* e utilizamos e analisamos as respostas a esse questionário. A partir dos dados apresentados neste artigo, destaca-se a resiliência do povo Pataxó da aldeia Barra Velha na busca pela sobrevivência e fortalecimento de suas práticas culturais no tempo da Pandemia da COVID-19. Como parte dos resultados da pesquisa, compreendemos que a paralisação das atividades escolares e de outras atividades possibilitou uma nova relação com o tempo, favorecendo uma maior vivência dos professores, das crianças e dos jovens com as práticas culturais do seu povo. Também, observa-se o fortalecimento da educação tradicional vivenciada pelas crianças, destacando as relações intergeracionais e os desafios para as práticas escolares indígenas durante a Pandemia.

Palavras-chave: Aldeia Barra Velha. Pandemia da COVID-19. Povo Pataxó. Resiliência.

Abstract: This article presents results of the research developed as academic career of the first author, an Indigenous Pataxó from southern Bahia, within the scope of the Degree in Intercultural Formation for Indigenous Educators, with a qualification in Mathematics. We have reported on transformations experienced in the economy of the mother indigenous village Barra Velha, in the territory of Barra Velha, municipality of Porto Seguro, in the south of Bahia. The article presents insights into the local

¹ Indígena Pataxó do Sul da Bahia. Porto Seguro, Bahia. Etnia Pataxó. Graduado na Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígena, com habilitação em Matemática, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: rdpataxo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7258-1029>

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado e Doutorado pelo programa em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais. Email: ila_scamos@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3205-9229>

³ Doutorando em Matemática pela Universidade Federal de Minas Gerais e Mestrado em Matemática pela mesma instituição. Belo Horizonte, Minas Gerais. Email: gesoares2017@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9854-9141>

economy transformations during COVID-19 Pandemic based on data from interviews with four indigenous people from this village who worked in the main activities that generate income for families in the community. In addition to the interviews, we discussed the introduction of Google Forms and used and analyzed the answers to the questionnaire. Based on the data presented in this article, the resilience of the Pataxó people from the Barra Velha village stands out in their search for survival and strengthening of their cultural practices during COVID-19 Pandemic. As part of the research results, we understand that the suspension of school activities and other activities enabled a new relationship over time, favoring a greater experience of teachers, children and young people with the cultural practices of their people. Also, the strengthening of traditional education experienced by children is observed, highlighting intergenerational relationships and challenges for indigenous school practices during the pandemic are also highlighted.

Keywords: Barra Velha Village. COVID-19 pandemic. Pataxó people. Resilience.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso propósito é discutir os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo “compreender as mudanças e os desafios enfrentados pelas famílias e pela comunidade da aldeia Barra Velha decorrentes da Pandemia da COVID-19 a partir dos impactos às principais atividades que geram renda para as famílias da comunidade: a pesca, o artesanato, o turismo e a escola”. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pelo primeiro autor deste artigo que teve, respectivamente, a segunda e o terceiro autores como orientadora e coorientador.

É possível localizar este trabalho entre muitos estudos que relataram os impactos da Pandemia da COVID-19 nas comunidades indígenas (BANIWA; TUXÁ; TERENA, 2020; BRAZ, 2022; GONÇALVES, 2022; KRENAK, 2020; RODRIGUES, 2022; SANTOS 2021). Então, consideramos pertinente, antes de prosseguir com o objetivo proposto, apresentar *de onde se fala, quem fala e o contexto de formação em que a pesquisa foi realizada*. Assim, reconhecendo a singularidade desse relato de pesquisa. Também, no decorrer do texto, para prevalecer a voz do primeiro autor, em alguns momentos, preservamos passagens com citações, para fazer referência ao texto do Trabalho de Conclusão de Curso (CONCEIÇÃO, 2022).

O primeiro autor deste artigo é indígena do Povo Pataxó do sul da Bahia, da aldeia Barra Velha, também conhecida como aldeia mãe Barra Velha, no território de Barra Velha, município de Porto Seguro, aldeia em que foi desenvolvida a pesquisa. O presente artigo é resultado do seu Trabalho de Conclusão de Curso⁴, também denominado como Percurso Acadêmico, no âmbito do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na turma da habilitação em Matemática. Esse curso é ofertado regularmente pela Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O Curso acontece em

⁴ Ver em <https://www.fae.ufmg.br/biblioteca/wp-content/uploads/sites/7/2023/01/Rodrigo-percurso.pdf>

tempos/espços diferenciados, na perspectiva da alternância, organizado a partir dos projetos socioculturais dos estudantes, com atividades na UFMG e nos espaços de atuação e vivência dos estudantes nas suas comunidades. Trata-se de um curso presencial e que teve suas atividades na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a Pandemia da COVID-19. A turma da habilitação em Matemática, ingressante em 2018 e concluinte em 2022, era constituída por estudantes Pataxó de diferentes territórios do sul da Bahia, por estudantes Pataxó de dois territórios de Minas Geras e por estudantes Xakriabá do território Xakriabá no norte de Minas Geras.

EMERGÊNCIA DA PESQUISA, ASPECTOS METODOLÓGICOS E SUJEITOS DA PESQUISA

O primeiro autor decidiu discutir no seu percurso acadêmico questões referentes à economia de sua comunidade. Em 2020, quando nos deparamos com a Pandemia da COVID-19, foi necessário repensar as ideias iniciais da pesquisa em um tempo que estavam acontecendo diversos movimentos: nas aldeias, várias ações para proteção da vida e enfrentamento da Pandemia da COVID-19; no curso, várias ações para garantir aos estudantes a continuidade das atividades consonante às demandas e emergências das situações vividas nas comunidades indígenas dos povos que constituem o corpo discente do curso.

Com o avanço da Pandemia, a comunidade da aldeia Barra Velha se mobilizou para buscar proteger a saúde de todos os moradores, decidindo pelo fechamento da Ponte do Porto do Boi, principal ponto de acesso da aldeia Barra Velha e de comunidades vizinhas às cidades próximas. Essas medidas foram tomadas não somente na aldeia Barra Velha, mas também por Caraíva e Corumbau, que são vilarejos vizinhos.

Nesse cenário, no curso FIEI, junto com as comunidades indígenas, iniciamos diversos projetos de extensão para articular as ações do curso e da universidade com o enfrentamento da Pandemia nas comunidades indígenas. Pouco depois que começou o isolamento social na aldeia, foi iniciado o projeto de extensão intitulado “Levantamento e acompanhamento de ações desenvolvidas nas aldeias indígenas para o enfrentamento da Pandemia e os seus efeitos na vida comunitária”⁵, elaborado e implementado pela turma da habilitação em Matemática (professores, estudantes e bolsistas), com a participação de outros sujeitos do curso, nos

⁵ Projeto em que os três autores participaram, coordenado pela segunda autora e registrado como projeto de extensão na UFMG.

diversos territórios e aldeias representados pelos estudantes da turma e de outros estudantes do curso.

Diante do cenário e das ações do curso em articulação com as comunidades, percebe-se mudanças nos modos de vida na comunidade, como descreve o primeiro autor:

Com o fechamento de tudo por aqui, percebemos um grande impacto no modo de vida das pessoas, inclusive nas atividades que geram renda para as famílias da aldeia. A comunidade que tem mais de 80% de sua renda vinda diretamente do turismo da região a partir das atividades dos artesões, bugueiros, caseiros, atividades vinculadas aos hotéis e pousadas (jardineiros, camareiras, cozinheiras, gerentes de pousadas) etc. Essas pessoas sofreram demais com tudo que estava acontecendo. Além deles, os funcionários do município, dentre eles as pessoas que trabalham diretamente com a escola como os professores, cozinheiras etc.

Enfim, todas essas pessoas sofreram e sentiram na pele os impactos na renda causados pela Pandemia, muitas famílias sobreviveram dos recursos ganhos durante o verão do mesmo ano que tinha acabado de terminar, usando seus recursos para comprar seus alimentos por alguns meses, mas aquelas pessoas que não tinham esses recursos sofreram bem mais. Algumas ONGs forneceram algumas cestas básicas para as famílias mais carentes, mas cestas básicas não duram muito tempo. (CONCEIÇÃO, 2022, p. 20-21)

Então, nesse contexto, buscamos novas direções para a continuidade e desenvolvimento da pesquisa:

Nesse cenário em que estávamos vivendo, ao pensar no tema do meu percurso, escolhi falar das mudanças ocorridas na aldeia Barra Velha durante a Pandemia, especificamente referente às atividades que geram renda para a população, expondo as dificuldades enfrentadas pela comunidade neste período, mostrando algumas modificações no cotidiano e estratégias encontradas pelo povo para se manter e sobreviver durante a Pandemia. (CONCEIÇÃO, 2022, p. 21)

Trata-se de uma pesquisa que aconteceu durante o período da Pandemia e que realizou os procedimentos metodológicos atendendo ao tempo e cuidados necessários que envolviam a vida na comunidade e as medidas para o enfrentamento da Pandemia. Foram desenvolvidas quatro entrevistas, como relatado em Conceição (2022):

Decidi escutar pessoas que trabalhavam antes da Pandemia com pelo menos uma das seguintes atividades: como professor(a) em Barra Velha, com atividades relacionadas ao turismo, com a pesca e com o artesanato. Sendo essas as principais atividades responsáveis por gerar renda para as famílias da comunidade. Além disso, considere o fato dessas pessoas terem se envolvido em outras atividades, após início da Pandemia, como forma de buscar alternativas para o sustento de suas famílias. (CONCEIÇÃO, 2022, p. 22)

O foco da pesquisa tem uma estreita relação com a história de vida do primeiro autor, pois seu pai tem mercado na aldeia, para comercializar alimentos. O mercado se constitui como principal fonte de renda do seu pai, de seus tios e suas famílias. Além disso, o foco da pesquisa

se relaciona à situação vivenciada pelo primeiro autor, que também teve sua atividade de trabalho paralisada durante a Pandemia, pois é bugueiro e trabalha com turismo na região. Assim, o convite aos sujeitos que participaram da pesquisa explicita o olhar do primeiro autor, como um jovem pesquisador, acerca da situação em que estava vivenciando, pois teve sua atividade de trabalho paralisada na Pandemia. Também, destaca-se como o contexto de formação intercultural para educadores indígenas tem contribuído para a formação de jovens pesquisadores, com o olhar atento ao que acontece nos seus território e com condições de promover ações junto aos seus povos, para a melhoria das condições de vida em seus territórios.

Esclarecemos sobre a escolha das quatro pessoas que foram entrevistadas, como descrito a seguir: *o primeiro entrevistado*, antes do início da Pandemia, atuava como professor na escola Indígena Pataxó de Barra Velha e como bugueiro, durante o verão, na ABIPABV (Associação de Bugueiros Indígenas Pataxó de Barra Velha). Após o início da Pandemia, essas atividades foram paralisadas impactando diretamente em suas fontes de renda. Então, ele decidiu vender seu buggy e comprou um barco de pesca; *a segunda entrevistada*, antes do início da Pandemia, era professora da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha. Ela e seu esposo estavam na mesma condição profissional, tinham essa atividade como a responsável pela maior parte da renda da família, complementada com a comercialização de artesanatos. Durante a Pandemia, assim como vários outros moradores da comunidade, ela retomou uma atividade que, por diversos motivos, muitos tinham deixado de praticar: a agricultura familiar, o plantio e o cultivo de roças, como o plantio da mandioca, abóbora, milho, melancia e outros alimentos. Além disso, dedicou-se à criação de galinha caipira em seu quintal; *o terceiro entrevistado*, antes da Pandemia, atuava como representante de turismo no município de Porto Seguro e também como fiscal na guarita Pataxó, ponto de apoio e fiscalização dos buggys. Com a paralização dos trabalhos, buscou outros meios de subsistência, principalmente o cultivo da terra. Ele cultivou em seu quintal uma horta para ter seu próprio alimento como alface, tomate, couve, cebolinha, abóbora, hortelã grosso e pimenta doce; *a quarta entrevistada*, antes da Pandemia, trabalhava viajando, vendendo seus artesanatos e dando palestras por escolas de todo o país. Com a Pandemia, essa atividade se tornou impossível de ser realizada. Então, ela passou a vender seus produtos pela internet, divulgando seu trabalho e de outras pessoas da comunidade. Além disso, também vendeu polpas de mangaba, fruta que tem em abundância, no território de Barra Velha, em algumas épocas do ano. A polpa é utilizada para fazer suco, mousses, geladinho e doces.

Na continuidade do desenvolvimento da nossa pesquisa, como estávamos discutindo sobre as transformações durante a Pandemia, alguns aspectos que não foram contemplados nas

entrevistas emergiam das observações e vivências do primeiro autor em sua comunidade. Nesse contexto, ao cursar a disciplina “O Ensino da Probabilidade”, no 1º semestre de 2021, ainda no Ensino Remoto Emergencial, ministrada pela segunda autora juntamente com outra professora do curso, espaço em que foram desenvolvidos trabalhos em grupo, tendo a ferramenta do *Google Forms* para obtenção dos dados e investigação de temas relacionados às práticas socioculturais das comunidades indígenas, o primeiro autor percebeu as potencialidades dessa ferramenta para ampliar sua compreensão sobre a problemática que envolvia a pesquisa, pois poderia obter informações de outras pessoas que não foram entrevistadas e em uma maior quantidade. Além disso, o questionário seria enviado pelo *WhatsApp* não necessitando contato presencial atendendo às medidas de prevenção em tempos de Pandemia da COVID-19.

As perguntas elaboradas para o questionário foram também fruto dos questionamentos e compreensões que surgiram a partir das entrevistas. Foram elaboradas as seguintes perguntas:

Figura 1: Perguntas elaboradas para o *Google Forms*

1. A Pandemia afetou diretamente sua(s) atividade(s) de trabalho?
 Sim Não
2. Com qual (quais) atividade(s) você trabalhava antes da pandemia?
 Turismo Artesanato Escola Agricultura Familiar Pesca Comércio Nenhuma dessas opções
3. Durante a pandemia você buscou outra(s) atividade(s) que não praticava anteriormente para o sustento de sua família?
 Sim Não
4. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior, qual(quais) dessas atividades você praticou durante a pandemia?
 Coleta de café Mariscagem Pesca Agricultura Familiar Artesanato Comércio
5. Você e sua família receberam o auxílio do governo (Auxílio Emergencial)?
 Sim Não
6. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior, o auxílio por algum tempo foi a única fonte de renda que você e sua família tiveram?
 Sim Não
7. Você atualmente trabalha em alguma atividade iniciada após a pandemia?
 Sim Não
8. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior, qual(is) atividade(s)?
9. Você e sua família chegaram a passar necessidade durante a pandemia?
 Sim Não
10. Qual (quais) desses recursos você explorou durante a pandemia?
 Mata Mar Rio Mangue Roça
11. Você acredita que se não existisse esses recursos de substâncias muitas famílias passariam necessidade?
 Sim Não
12. Você participou ou foi contemplado por algum projeto voluntário de arrecadação de alimentos?
 Sim Não
13. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior, em qual projeto e qual sua participação nesse projeto?

Fonte: Produzido pelos autores

DADOS: COMPREENDENDO AS TRANSFORMAÇÕES

O primeiro entrevistado conta sobre os movimentos que fez para garantir o sustento, diante da paralisação das atividades que geravam a renda da sua família:

[...] Então, a gente começou a buscar outras alternativas porque a gente tinha conta para pagar, a gente tinha que colocar o café da manhã, o pão de cada dia em casa. Então, a gente teve que buscar outras alternativas, eu principalmente, eu já vinha atuando como bugueiro também e mais, só que como foi uma forma, né, que deu fechamento de todas atividades e o passeio de buggy no qual eu trabalhava também [...], também é uma forma de sobrevivência nossa e até então também foi paralisada, tudo da lei que tinha que parar tudo. Essa atividade de buggy se trata de passeio de turismo, então [...] de Porto Seguro, mas acredito que todas atividades turísticas foram canceladas, daí eu optei por desfazer de um veículo meu [...] o buggy que eu trabalhava com continuidade de passeio e optei por comprar um barco. Porque a pesca na terceira opção, na primeira é a escola, segundo é o passeio de turismo, a terceira é a pesca, outra atividade que eu tenho facilidade, que eu domino, eu sei trabalhar. Então, eu optei pela compra de um barco até que a Pandemia passasse e tudo se normalizasse novamente. Então, aí eu busquei essa outra alternativa da pesca, eu partir pro lado da pesca, comecei a trabalhar e uma atividade que não tinha muita interferência e ia também contribuir com a comunidade, eu acredito, porque eu tinha que pensar na minha sobrevivência, pagar minhas contas, eu tinha que pagar e também era uma coisa que eu sabia fazer. Aí eu comecei a pescar e também é uma forma de trazer para comunidade porque o turismo já

não tinha como mais a gente buscar uma alternativa do turismo, a escola também não, e boa parte da comunidade já estava também quase entrando em desespero, de contribuição de cestas básicas. E o peixe também é mais consumido dentro da comunidade. Então, eu optei por essa área assim como os outros colegas também já vinham trabalhando com a pesca. Então, a gente conseguiu manter um certo sustento para comunidade. (*Primeiro entrevistado*)

A seguir, apresentamos trechos das falas da segunda entrevistada que explica a situação dos professores diante do não recebimento do salário que garantia o sustento da sua família e os movimentos que realizou naquele tempo:

[...] olha assim, eu e meu marido, a gente trabalha na escola, realmente a gente depende diretamente da escola, mas assim de acordo com o tempo veio passando a gente começou a fazer outras coisas, outros movimentos, a gente comprava artesanato e a gente vendia durante o verão, assim ia passando, mas assim se eu dizer para você, a gente depende sim, vamos dizer 80% da escola. Olha, quando veio assim, que foi um mês que suspenderam, né, [...], quando foi no dia 31 de março, a gente já soube que a prefeita baixou um decreto descontratando todas as pessoas do quadro da educação, todas as pessoas seriam exoneradas do cargo. Aí o que aconteceu, a gente não recebeu, só recebeu o mês de março e pronto [...].

[...] no meu caso, eu não tive esse direito de auxílio emergencial, entendeu? Porque quando eu fui fazer falaram que eu era servidora pública, sem eu ser por causa do meu contrato, [...].

Olha, assim quando entrou a Pandemia, quando a gente foi desvinculado da escola, outra coisa que a gente fez foi cuidar da terra, a gente foi fazer horta, a gente começou a tirar a maioria das coisas: verdura, legume eram da produção da gente. Para ajudar na questão da sobrevivência, plantamos batata doce, aipim, mas muita coisa. E assim, foi uma coisa que quando chegou a Pandemia que trouxe aquele estímulo de cuidar da terra, né, aquilo que não tinha e parece que era tempo, a gente parece que descobriu que aquele amor realmente para cuidar da terra, mas assim a gente foi para parte da horta, fazer para estar ajudando na alimentação, na sustentabilidade mesmo. E não só a gente, mas a gente viu que a comunidade [...] acho que dava para perceber que a comunidade toda estava plantando, era plantando, fazendo horta, todo mundo fazendo roça e era aquele ânimo para todo mundo no momento. (*Segunda entrevistada*)

O terceiro entrevistado fala da dificuldade vivida com a necessidade de isolamento, das estratégias de quem dependia da renda das atividades relacionadas ao turismo, para a sobrevivência durante a Pandemia da COVID-19, e como vivenciou essa dificuldade e suas alternativas em família:

A dificuldade foi que não pudemos sair, não poder receber muitas visitas em casa, dos próprios parentes, para a gente foi muito difícil, nós não tínhamos esse costume de ficar assim nesse vício por vida dentro de casa, para a gente ficou muito difícil nessa parte. A gente saía para fora, para vender artesanato e na Pandemia teve que ficar dentro de casa protegendo a saúde.

Não, não, eu mesmo, não fiz não, fiquei mais em casa, também as vezes a gente fazia alguma atividade assim capinar, coisa de rotina de casa mesmo.

[...] para não ficar parado, eu sentei com minha família, a gente foi trabalhar na horta. Tem uma horta lá em casa [...].

[...] outros parentes que trabalham na atividade de turismo nessa Pandemia que deu, eles foram trabalhar nas fazendas, saíram para as fazendas trabalhar lá, outro foram caçar outro meio, alguns foram trabalhar na roça também, e foi assim que eles se viraram na Pandemia na aldeia. Aqueles que tinham acesso à internet fizeram seus artesanatos, foram vender pela internet, também, aí não parou essa parte muito do artesanato, muitos venderam pela internet e muito foram trabalhar pelas fazendas e outros foram colocar roça para não ficar parado. E a gente que trabalha com turismo, ficamos um ano parado. (*Terceiro entrevistado*)

Por sua vez, a quarta entrevistada destacou como a Pandemia da COVID-19 impactou a sua atividade de venda de artesanato e como usou as redes sociais como um espaço de comercialização dos seus artesanatos e como isso impactou a continuidade dessa atividade como sua fonte de renda:

Então, minha rotina atrapalhou bastante porque eu comprei vários artesanatos dos outros parentes, porque a gente faz e também compra para a gente vender. Então, eu comprei várias artesanatos de outros parentes, para ajudar outros parentes e tipo assim, os artesanatos ficaram tudo acumulados porque nós íamos viajar no mês de abril, aí como nós não viajamos, veio logo essa Pandemia, a gente teve que ficar em casa.

Aí, então, eu postava nas minhas redes sociais, no instagram, aí o pessoal via e fazia pedidos e eu enviava pelo Sedex. Também, já tinha alguns contatos que fazia encomenda pra mim e para minha família.

Então, desde antes, a gente já vai procurar marisco no mangue e também alguns pescam, é normal. Assim na Pandemia, para nós, para o nosso sustento, todo mundo foi para o mangue pescar. [...]

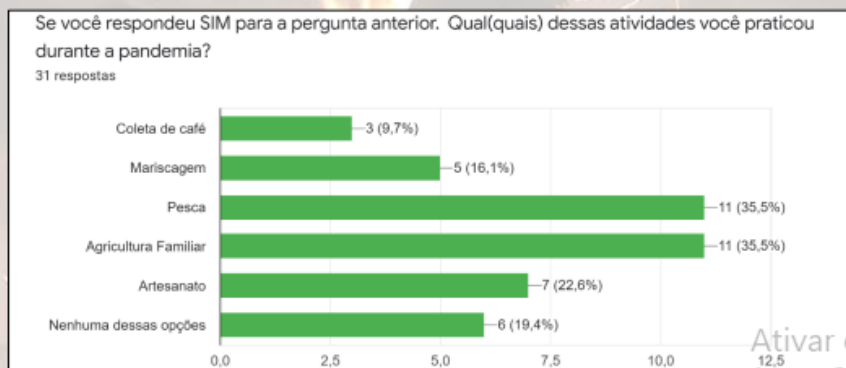
Eu trabalho na pousada agora, se eu fosse trabalhar no artesanato, eu acho que ganhava mais. É porque eu estou dando tempo para distrair a mente mais. Porque lá a gente sabe que vai ganhar o dinheiro todo mês e com artesanato, apesar de ter dinheiro assim, mas a gente não sabe se vai ter dinheiro todo mês para pagar nossas contas, nós também fazemos dívidas e temos que pagar as dívidas, tudo certinho. [...] e trabalho com as coisas, principalmente com artesanato e também com a fruta nativa mangaba, coeto a mangaba e a gente faz a polpa e vende para os próprios parentes. (*Quarta entrevistada*)

Em relação aos dados obtidos a partir do *Google Forms*, as perguntas 4 e 10 do questionário ampliaram nossas compreensões sobre as mudanças ocorridas nas atividades praticadas pelas famílias da aldeia Barra Velha para subsistência e como fonte de renda:

Figura 2: Respostas à questão 4 do *Google Forms*

4. Se você respondeu SIM para a pergunta anterior. Qual(uais) dessas atividades você praticou durante a pandemia?

- Coleta de café Mariscagem Pesca Agricultura Familiar
 Artesanato Comércio

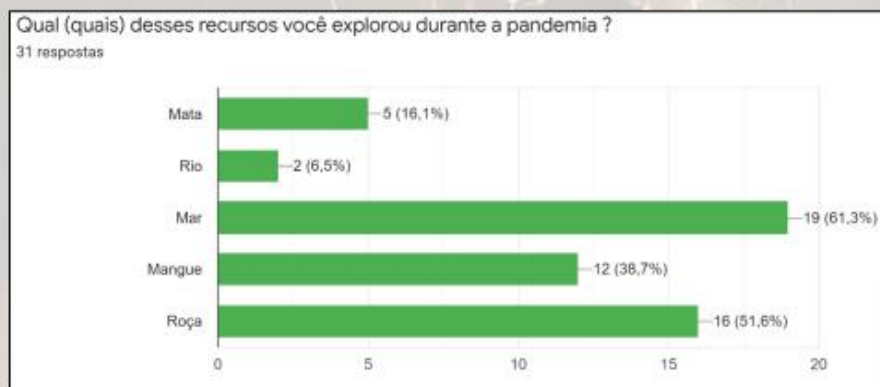


Fonte: CONCEIÇÃO (2022, p. 51)

Figura 3: Respostas à questão 10 do Google Forms

10. Qual (quais) desses recursos você explorou durante a pandemia?

- Mata Mar Rio Mangue Roça



Fonte: CONCEIÇÃO (2022, p. 53)

FECHAMENTO DAS ESCOLAS: TEMPO DE APRENDIZAGEM ENTRE GERAÇÕES

Do lugar de um curso de formação de professores indígenas, durante todo o desenvolvimento da pesquisa nos indagávamos muito sobre os impactos gerados com a paralisação das escolas e suas implicações na vida da comunidade. Do ponto de vista da

economia, não ter os salários oriundos das atividades dos professores e outros servidores da escola representava uma grande dificuldade para muitas famílias, como podemos entender a partir do relato da segunda entrevistada:

Olha, quando veio assim, que foi um mês que suspenderam, né, [...], quando foi no dia 31 de março, a gente já soube que a prefeita baixou um decreto descontratando todas as pessoas do quadro da educação, todas as pessoas seriam exoneradas do cargo. Aí o que aconteceu, a gente não recebeu, só recebeu o mês de março e pronto, os outros, até o dia 17 que eles disseram que teria dado para gente, eles não pagaram. E aí só depois de dois meses que veio a APLB do município, organização dos professores, que conseguiu dar um auxílio emergencial. (*Segunda entrevistada*)

Figura 4: Imagem das escolas da aldeia Barra Velha



Fonte: Arquivo pessoal do primeiro autor

Durante a Pandemia, as crianças e jovens da comunidade passavam o tempo que era dedicado à escola com suas famílias. Os professores também passaram a desenvolver outras atividades que não estavam ligadas à escola, como o primeiro entrevistado relatou:

[...] a gente como trabalhava na escola, a gente era muito ocupado, acordava de manhã cedo, tinha que ir para escola de manhã, minha jokana também ia de manhã, a gente ia revezando a tarde e boa parte do nosso tempo era voltado à escola e [...] a gente pôde ter mais um tempo em casa, para trabalhar com minhas hortaliças mesmo, com a própria agricultura, a gente teve que ter outra rotina. E uma rotina que antes a gente conviveu com os pais da gente, que com certo tempo a gente passa a ter responsabilidades e a gente acaba que meio que deixando, então isso aconteceu com a gente também, né. (*Primeiro entrevistado*)

Nessa passagem, o entrevistado expõe que a atividade de trabalho vinculada à escola, ser professor, que garante parte da renda de sua família, também consome muito tempo, impondo uma rotina que dificulta vivenciar às práticas culturais com seus familiares, vivências que possibilitam as aprendizagens de sua cultura entre gerações.

Ao serem perguntados sobre a escola, por sua vez, a segunda entrevistada falou sobre os desafios para a educação escolar indígena no tempo da Pandemia:

Olha, eu posso dizer assim que está sendo um desafio muito grande essa questão dessa aula remota, se é um desafio para um não indígena, imagina para nós indígenas. Esse grande desafio, que nem eu gosto de dizer assim, educação escolar indígena é um grande desafio para nós educadores indígenas, imagine com essas aulas remotas e a Pandemia, até mesmo dar para perceber que têm casos dos alunos, eles dizerem que eles não conseguem aprender, os professores estão recebendo menos durante a Pandemia e trabalhando mais. *(Segunda entrevistada)*

Na pesquisa desenvolvida por Uilian Rodrigues (2022), em outra aldeia do território de Barra Velha, aldeia Águas Belas, é discutido sobre a educação tradicional em tempos de Pandemia. Nesse estudo, o autor discute que com o fechamento das escolas a educação escolar parou, mas que a educação tradicional do seu povo permaneceu se fortalecendo e como as crianças indígenas se relacionaram com a educação tradicional desenvolvida em tempo de Pandemia. O autor defende que, mesmo com as escolas fechadas, as crianças não deixaram de aprender e que os aprendizados da educação tradicional fortaleceram a cultura. De acordo com Rodrigues (2022),

a educação indígena familiar se fez presente neste tempo pandêmico e como fortaleceu ao meu povo Pataxó, como a única educação nas vivências dessas crianças, pois é nas práticas diárias que o saber acontece, as crianças junto com seus pais aprenderam a ser uma criança Pataxó, construindo aprendizagens a cada fase de sua vida, jovem, adolescente, criança vai crescendo e vai se formando, aprendendo e construindo os seus aprendizados para ser um indígena Pataxó da aldeia Águas Belas e é assim que nós fazemos. *(RODRIGUES, 2022, p. 88)*

As falas dos dois professores entrevistados também nos levam a concordar com Rodrigues (2022) sobre a educação tradicional vivida no tempo da Pandemia, com a retomada de atividades tradicionais desse território. Isso fica evidente quando o primeiro entrevistado fala da pesca e a segunda entrevistada fala da mariscagem e cultivo da terra:

Ela [a pesca] foi fundamental porque eu consolidei uma atividade que eu gosto de fazer e uma oportunidade que eu tive de pagar minhas contas. Então assim, eu sou muito grato a essa atividade porque eu cresci com isso também. Meu pai, ele foi pescador por muito tempo, então acho que esse conhecimento de pescar, de conhecer a maré, conhecer essa atividade de pesca, tanto de rede quanto de linha, no mar, no mangue, eu aprendi tanto com ele quando pequeno. Então, me ajudou muito, porque eu já tive uma experiência que já vinha do meu pai, que eu acabei pegando, e nesse momento difícil ela acabou me ajudando, que eu tinha meu peixe para colocar alimento dentro da minha casa e também eu tinha um peixe para vender para pagar minhas contas. Então, isso foi bem fundamental para mim durante esse período. *(Primeiro entrevistado)*

No trecho acima, é possível entender como, no tempo da Pandemia, o entrevistado retomou os conhecimentos tradicionais que são passados pelas gerações. Ele retomou a atividade de pesca que já sabia fazer devido às aprendizagens adquiridas com seu pai enquanto criança. A segunda entrevistada fala que levou os filhos para caminhar no mangue, para conhecer essa atividade e que se dedicou com sua família ao cultivo da terra:

Assim, ir para o mangue a gente não chegou a ir não, só uma vez que eu cheguei a levar eles assim lá para caminhar no mangue mesmo conhecer, brincar, mas assim aqui no quintal a gente cultivava todos os dias, era mais pela parte da tarde, a gente pegava a partir das três horas, a gente ia mexer na terra, fazer os canteiros e um viveiro, fazer as mudas. Quando a gente começou mesmo a mexer, que começou a produzir, veio o diacho da bomba quebra, né, aí foi muito difícil por falta da água, mas aí veio a seca que a gente plantou muita batata doce que secou bastante. Mas assim, deu para a gente tirar ainda, já assim, nas pedras, no mangue, no mar, assim mariscando, a gente não foi tanto não, era mais só cultivava era galinha, galinha caipira, a galinha caipira também a gente como sempre tem elas no quintal, a gente cria, a gente cria muito elas e foi uma das coisas que a gente utiliza para alimentação da gente. *(Segunda entrevistada)*

Além disso, a análise das respostas ao questionário e as observações realizadas pelo primeiro autor, como morador da aldeia, levam a afirmar que

[...] atividade que se intensificou muito foi a mariscarem, atividade tradicional do povo pataxó. Essa atividade sempre foi praticada pelas pessoas da comunidade, com a Pandemia se tornou ainda mais frequente, sendo praticada pelas crianças e adultos de nossa aldeia. Passou a ser comum ver famílias irem para beira da praia pegar ouriço, polvo, lagosta e peixes de corais. Isso também aconteceu no manguezal, onde se concentra os principais alimentos de nosso povo como caranguejo, conchas, ostras, siri, lambreta, aratu, moreia, bugigão etc. Com essa grande diversidade de alimentos, o mangue sempre foi de suma importância para a subsistência do povo pataxó, que vive aqui no litoral sul da Bahia, refletindo sua importância nesse período. (CONCEIÇÃO, 2022, p. 63).

As respostas obtidas a partir do questionário convergem com as falas dos entrevistados, principalmente os que são professores que passaram a dedicar o tempo que era destinado às atividades da escola às práticas culturais, quando também buscavam garantir a subsistência de suas famílias.

Ter dois professores participantes da pesquisa deu visibilidade à tensão que é gerada pela dinâmica de tempo que a escola demanda dos professores. Esse tempo do trabalho dificulta o envolvimento com outras atividades que favorecem aprendizagens entre gerações. De certo modo, foi possível tal compreensão, pois a Pandemia impôs a mudança da rotina das famílias a partir do fechamento das escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos como o povo Pataxó da Aldeia Barra Velha vivenciou dificuldades no período da Pandemia da Covid-19, com a perda da renda que era originada de atividades que foram paralisadas neste período. Destaca-se a resiliência desse povo ao transformar essas dificuldades em oportunidades de retomar suas práticas culturais. A paralização de algumas atividades estabeleceu uma outra relação com o tempo vivido no território, possibilitando que as pessoas se dedicassem às atividades de sua cultura que, por vezes, tinham deixado de praticar devido às ocupações com outras atividades.

Destacamos neste artigo o uso que fizemos da ferramenta *Google Forms* para ampliar nossa compreensão sobre as mudanças que aconteceram no contexto de vida do primeiro autor. Os dados das entrevistas e do questionário explicitam a resiliência em que o povo Pataxó da aldeia Barra Velha vivenciou a Pandemia da COVID-19, que se manifesta em alternativas coletivas da comunidade de Barra Velha, considerando suas práticas culturais e territoriais no enfrentamento da Pandemia.

A busca por compreender as transformações na economia da aldeia nos possibilitou entender sobre os desafios para a educação escolar indígena para além dos impactos das perdas dos salários. Também nos possibilitou entender como as aprendizagens nas e das práticas tradicionais foram potencializadas nesse período.

Na conclusão da pesquisa, em relação as atividades praticadas e as transformações na economia da aldeia, o primeiro autor destacou que:

Após a retomada das atividades presenciais, algumas atividades que tiveram esse crescimento não continuaram com a mesma intensidade. Observo isso desde a flexibilizações dos decretos sobre o distanciamento social e das atividades econômicas. Acredito que o principal motivo para isso é a falta de tempo para realização destas atividades, pois com a retomada das atividades que antes as pessoas estavam envolvidas retornaram os tempos do cotidiano vivenciados antes da Pandemia. Contudo, devo destacar que a prática da utilização das redes sociais para a divulgação e venda dos artesanatos veio para ficar, pois a cada dia se percebe que esse modo de venda de artesanatos tem sido intensificado. (CONCEIÇÃO, 2022, p. 62)

As discussões a partir dos dados apresentados neste artigo nos levam a identificar dois fatores que impactam fortemente as relações entre gerações na comunidade indígena em que foi desenvolvida a pesquisa. O primeiro deles é falta de tempo para algumas pessoas, resultante das demandas das atividades de trabalho que geram renda para as famílias. O segundo, potencializado pela Pandemia, é o uso das redes sociais que, como interpretado pelo primeiro autor, em relação a venda de artesanatos veio para ficar, mas não se limita a essa atividade. Assim, trazendo implicações para a vida na comunidade. Nos limites desta pesquisa, não temos

como aprofundar nesta questão apontada como o segundo fator. Contudo, destacamos que merece atenção.

Para a finalização deste texto, trazemos trechos da obra “O amanhã não está à venda”, do Ailton Krenak (2020) que nos convida a refletir sobre o significado do confinamento para os povos indígenas na pandemia, destacando a diferença entre o confinamento vivenciado pelos indígenas se comparado ao confinamento nas cidades ou grandes centros urbanos. Além disso, convida ao debate sobre o entendimento hegemônico de economia que tem como centralidade o capitalismo que massacra e destrói nossas vidas. Apresentamos alguns trechos que foram mais significativos para o desenvolvimento da pesquisa:

[...] esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes. Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore... (KRENAK, 2020, p. 3)

Governos burros acham que a economia não pode parar. Mas a economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância. Dizer que a economia é mais importante é como dizer que o navio importa mais que a tripulação. [...] (KRENAK, 2020, p. 9)

Concluimos o artigo esclarecendo que o objetivo central da pesquisa chamou a outras discussões. Assim, emergiram vários aspectos, incluindo as aprendizagens entre gerações que foram retomadas no tempo da Pandemia, criando outras possibilidades para as crianças, que diferente das gerações anteriores, tem vivenciado grandes influências das práticas escolares. Destacando as oportunidades das crianças de aprenderem com os mais velhos e dos adultos de retomarem as práticas culturais que aprenderam enquanto crianças.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Braulina; TUXÁ, Felipe Cruz; TERENA, Luiz Eloy. Apresentação. **Revista Terena**. 2020. DOSSIÊ. Pandemia da covid 19 na vida dos povos indígenas, n.3, out/novembro, 2020. p. 9-11.

BRÁZ, Dária Cristino. **As transformações na saúde da Aldeia Barra Velha no contexto da pandemia de COVID-19**. 2022. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas), 2022.

CONCEIÇÃO, Rodrigo Braz. **As transformações na economia da mãe Aldeia Barra Velha: resiliência do povo pataxó e a retomada de atividades tradicionais em tempos de pandemia**.

2022. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas), 2022.

GONÇALVES, Daiane. **Tempo de resguardar:** a luta contra a COVID-19 no território Xakriabá e a força das mulheres indígenas. 2022. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas), 2022.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

RODRIGUES, Uilian Conceição de Souza. **É assim que é feito:** infância indígena em tempos de pandemia na Aldeia Águas Belas. 2022. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas), 2022.

SANTOS, Lárica Silva. **Memória em tempos de pandemia na aldeia pataxó sede em Carmésia (MG).** 2021. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas), 2021.